

Apresentação

Uma filosofia para o século XXI

Rossano Pecoraro

Niilismo, enfraquecimento, *Verwindung* (ultrapassamento; *rimettersi*), hermenêutica: o pensamento de Gianni Vattimo pode ser compreendido a partir destes quatro pólos¹.

Niilismo: do qual faz uma apologia (trata-se obviamente do niilismo consumado, perfeito de que fala Nietzsche) e define – em *O fim da modernidade* – como “a nossa única chance” já que nos permite desmascarar, acusar e dissolver as pretensões fortes, absolutas, violentas, silenciadoras da tradição metafísica, abrindo destarte caminho para uma possível emancipação.

Enfraquecimento: da Verdade, de Deus (que mediante a *kénosis*, niilisticamente, faz-se homem, entra na história e no mundo, perde a sua soberba alteridade, encarna-se em Cristo, sofre, morre, mas cuja mensagem continua a ressoar em toda a sua atualidade e urgência na *pietas*, no princípio de caridade), do Ser do qual, na linhagem de Heidegger, nada mais há; o ser *não é*, ele, antes, acontece (*accade*); é evento que deve ser interpretado; é destino, errância, envio.

Verwindung: em alemão significa torção, dis-torção; Heidegger o utilizou para indicar o ultrapassamento da metafísica; Vattimo o retoma e lhe atribui também o significado do verbo italiano *rimettersi*, isto é, remeter-se, restabelecer-se, curar-se de uma doença, estar convalescente, e, em um certo sentido, resignar-se. O sentido essencial, a importância do *rimettersi* e da *Verwindung* – “ultrapassamento que, na realidade, é reconhecimento de vínculo, convalescença de uma doença, assunção de responsabilidade” (Vattimo, 1983: 28) – consiste na possibilidade que eles proporcionam de manter o *equilíbrio* entre continuidade e descontinuidade, entre a dissolução de toda regra, toda fundação, todo argumento, toda ação comunicativa,

e a necessidade “racional” de evitar o relativismo do tudo-vale para não abdicar das (resíduas) esperanças de intervenção e transformação da sociedade.

Hermenêutica: é operando niilisticamente, isto é, reconhecendo o próprio estatuto de interpretação, a sua radical historicidade, a sua inserção em um patrimônio de sentido transmitido e herdado, e não como *koiné*², como “filosofia relativista da multiplicidade das culturas” – que a hermenêutica (legado de Hans-Georg Gadamer e Luigi Pareyson) fornece o elemento que completa o “sistema” de Vattimo, que lhe permite manter o seu equilíbrio. Com efeito, como a hermenêutica niilista argumenta para demonstrar a própria “validade”, já que o âmbito em que ela pretende permanecer é aquele rigoroso e demonstrativo da filosofia? Rememorando o anúncio nietzschiano da morte de Deus,

(...) o que o hermenêutico oferece como “prova” da própria teoria é uma história, seja no sentido de *res gestae*, seja no sentido da história *rerum gestarum*, e talvez também, realmente, no sentido de uma “fábula” ou de um mito, já que se apresenta como uma interpretação (que pretende validade até apresentar-se uma interpretação concorrente que a desminta) e não como uma descrição objetiva de fatos (Vattimo, 1999: 22).

Rejeitando toda herança ou condicionamento metafísico, a hermenêutica apresenta-se (e é esta a sua “verdade”) como a “interpretação filosófica mais persuasiva de uma situação, de uma época e, logo, necessariamente de uma proveniência”, de uma história (monumento, vestígio, destino-envio, transmissão) que fala também, antes de tudo, do *sentido* do Ser, isto é, do seu enfraquecimento, da sua *Verwindung*, etc.

Uma vez delineados, decerto de forma sintética e preliminar, os meridianos do percurso de Vattimo talvez seja possível perceber mais claramente não só as razões da importância e da influência da sua filosofia na cultura contemporânea, como os elementos que, a nosso ver, poderiam constituir uma significativa e fecunda maneira de elaborar uma filosofia (ou ontologia) da atualidade, uma reflexão que tente corresponder aos desafios, às interrogações e às urgências de um século que acaba de vir à luz. O “Dossiê” que organizamos – *Festschrift* inteiramente brasileira, que ladeia o livro publicado na Itália e nos EUA por ocasião dos 70 anos do filósofo³ e que apresenta a tradução do diálogo de Turim, inédito em português, entre Vattimo e Derrida – é uma *tentativa* de vislumbrar essas razões e esses elementos mediante as contribuições de especialistas provenientes das áreas mais interessadas pelo pensamento vattimiano, ou seja, filosofia, comunicação, teologia. Nesse sentido cremos ser de alguma utilidade integrar o âmbito das questões discutidas nos ensaios, dedicando a última parte do nosso escrito à *política*, “tema” enfrentado e vivido por Vattimo de forma concreta e apaixonada a partir do final dos anos 1990.

Antes de tudo, a hermenêutica; uma posição filosófica cuja analogia com os problemas da democracia e da esquerda – em virtude das duas características principais que a determinam (definitivo afastamento do fundacionalismo metafísico e visão do mundo como conflito de interpretações) – não é acidental. Ao contrário: é a hermenêutica, quase sempre usada como sinônimo de niilismo, no sentido que ilustramos acima, que pode oferecer à esquerda um solo teórico de referência para a sua ação de crítica da ordem política existente sempre atravessada, de resto, pela necessidade de se referir a algo que não fosse a mera efetividade. Em *Hermenêutica e democracia* (texto de 1994) o filósofo esclarece e precisa a sua posição: os traços caracterizadores da hermenêutica podem ser usados também para descrever o que acontece

(...) nas democracias avançadas na atmosfera babélica da sociedade de mercado e no correlativo afirmar-se de identidade e pertencimento a comunidades naturais restritas – etnias, famílias, seitas, etc. – que tendem a explodir fora de todo controle e toda coordenação possível, produzindo fenômenos de dissolução do vínculo social (Vattimo, 2003: 99).

Nietzschanamente: a liberação da pluralidade de interpretações e das visões de mundo carrega intrinsecamente consigo uma tendência dissolutiva da coesão social. À caracterização da hermenêutica, porém, falta um terceiro, fundamental elemento que ficará mais claro se nos lembrarmos da fabulação do “mundo verdadeiro” que leva também ao desaparecimento do “mundo aparente”⁴: o antifundacionalismo da hermenêutica é, também ele, apenas uma interpretação e não “a constatação de uma estrutura ‘objetivamente’ múltipla da ‘realidade’”; isto significa que ela, como todas as interpretações, deverá articular-se, explicar-se, argumentar e não só para justificar os seus conteúdos, como, antes de tudo e principalmente, justificar o próprio estatuto de interpretação sem exibir fundamentos ou verdades. Em outros termos, mais lyotardianos (*A condição pós-moderna*): “o ‘fim’ dos metarelatos não deve ser visto, como parece acontecer no próprio Lyotard, como a descoberta de uma verdadeira estrutura do ser que excluiria os metarelatos; ao contrário, é preciso que ele se apresente como o efeito de um processo histórico do qual oferece uma precisa leitura” (Idem, *ibidem*: 101); a hermenêutica, em suma, como efeito de um processo niilista de consumição do ser metafísico, isto é, da violência. Mas como esse cenário teórico pode ajudar a repensar as razões (e as ações) políticas da esquerda?

Antes de tudo é preciso destacar o fato de que foram as filosofias da história, os *grands récits* do iluminismo, marxismo e positivismo, a inspirá-la, e não argumentos metafísicos. Reivindicar direitos com base em valores naturais, como posições políticas revolucionárias já fizeram, não é mais possível já que por um lado a referência à natureza, às essências, às diferenças e às igualdades se tornou explícito pa-

trimônio das forças de direita; por outro, não se pode mais prescindir de uma crítica das ideologias que revele o caráter autoritário e violento da fundação de direitos e deveres em pretensas essências metafísicas. Reconhece-se uma forte afinidade entre hermenêutica e esquerda; aquela retoma a tradição desta que sempre reconheceu ao decurso histórico uma carga potencialmente emancipativa; diante da dissolução dos metarelatos, porém, a esquerda não soube oferecer uma interpretação diferente do devir, perdendo credibilidade e escondendo-se atrás de uma “genérica apologia do pluralismo” inconcludente e vazia, que não tem nada a dizer “na situação em que a democracia parece resolver-se na polaridade entre a cultura do supermercado e as identidades parciais vividas com furor fundamentalista” (Idem, *ibidem*: 104).

Traços concretos desse cenário teórico: uma “*esquerda niilista*” não poderá fundar as suas reivindicações na tese metafísica da igualdade (que pretende pôr-se como idéia forte, capaz de revelar uma essência humana dada uma vez por todas, etc.), mas deverá apoiar-se no princípio da dissolução da violência, compreendida como afirmação peremptória última que, assim como qualquer fundamento metafísico-religioso, não admite interrogações ulteriores sobre o porquê, interrompe o diálogo, silencia. O argumento da igualdade – “que não é um fato natural, mas o seu oposto”; uma esquerda de projeto deverá corrigir com “leis adequadas as desigualdades naturais, isto é de nascença”, vale dizer, priorizar as “condições de partida e não os resultados” (Vattimo, 2003: 111) – demonstra-se, de resto, praticamente ineficaz ao contrapor-se ao valor-chave da nova direita, isto é, a exaltação da concorrência em todos os níveis da sociedade como única garantia de crescimento e desenvolvimento. O princípio da dissolução (ou da redução) da violência é, ainda, o único capaz de doar novamente a palavra à esquerda sobre fenômenos essenciais das sociedades industriais avançadas, ou seja, a cultura do supermercado e os fundamentalismos reativos. Às ameaças do fundamentalismo a esquerda, uma vez abandonada pela grande narração marxista, soube opor tão-somente, segundo Vattimo, a defesa do pluralismo fundada no direito à igualdade. Uma posição vigilante e crítica, mas incapaz de formular propostas e alternativas concretas; pode parecer paradoxal, conclui o filósofo italiano, “mas somente a adoção de uma perspectiva niilista pode dar à esquerda a capacidade de olhar de uma maneira não simplesmente defensiva e reativa a fantasmagoria do mundo pós-moderno” (Vattimo, 2003: 99), e de recuperar aquelas “dimensões utópicas” dos anos 1960 (Deleuze e Guattari, Marcuse) que a esquerda européia excluiu, talvez com alguma razão, mas sem refletir muito, do seu breviário de idéias (*idem, ibidem*).

Em novembro de 2002, por ocasião da entrega do “Prêmio Hannah Arendt para o pensamento político”, Vattimo profere uma longa conferência intitulada *Globalização e atualidade do socialismo*. Um terceiro pólo – o populismo – é essencial na economia da *lectio* que se abre justamente com a análise da “conexão causal” entre o processo de globalização e o “anarquismo endêmico” representado pelo populismo *no global*, que

se manifesta como a única forma possível de resistência (raramente não violenta). A globalização nada mais é do que a redução da política à economia, ou, para usar as palavras de Habermas, a colonização do mundo da vida pela pura racionalidade estratégica. Este é o núcleo da reflexão de Vattimo, que acrescenta: a única ordem internacional existente não é uma estrutura política, mas econômica. Neste sentido, pensa-se que o único remédio à difusão da violência populista, cujos elementos se rebelam desordenadamente contra o império da pura economia, seja a formação de uma ordem *política* alternativa, igualmente integrada e globalizada. Tratar-se-ia, em suma, de idear, construir, organizar uma globalização política capaz de contrastar eficaz e efetivamente a “ideologia do Fundo Monetário Internacional” e o monopólio norte-americano. A pergunta é: uma entidade deste tipo teria alguma esperança de funcionar?

A resposta *populista* –

(...) que retoma e exprime muitos dos motivos de revolta presentes no anarquismo e na indisciplina social difusa, move-se ainda no horizonte da herança marxista e da sua idéia de uma revolução do proletariado mundial capaz de instaurar uma nova ordem, justa e humana. Foi formulada por último, em termos atualizados, por Michael Hardt e Antonio Negri no livro *Império* (Vattimo, 2003: 125).

– é descartada porque não se põe o problema do depois, da nova ordem que deveria seguir à revolução das multidões; por se limitar a uma apologia da “revolução permanente” e pela conseguinte falta de um projeto político-institucional. A resposta *federalista*, que tem como pano de fundo o pensamento de Hannah Arendt, revela-se mais adequada para responder negativamente àquela pergunta e para se pensar o que está em jogo: a globalização econômica não se combate com uma globalização política, com uma política globalizada que acabaria por perder os traços da política autêntica, tenderia a cancelar (ou destruir) as *diferenças* e o almejo de uma “*sociedade vivível*”. Ao contrário: é preciso resgatar a autonomia da política, libertá-la da economia e da esmagadora lógica do capitalismo; mas restaurar a autonomia da política nada mais é do que recuperar a substância ainda viva e atual da mensagem socialista. Não, como é óbvio, o socialismo “real”, “ideológico”, metafísico, violento que desapareceu com a queda dos regimes do leste europeu, mas sim um *socialismo niilista*, capaz de preservar a autonomia e a dignidade da política, garantir o equilíbrio das diferenças, respeitar a multiplicidade.

É necessário que se efetive a passagem do liberalismo à democracia e, para Vattimo, ao socialismo:

(...) para realizar de verdade os direitos de liberdade pregados pelo liberalismo é preciso não deixar que as coisas andem “conforme os próprios princípios”

(há um inaceitável naturalismo no pensamento de Adam Smith!), por exemplo as leis de mercado, mas sim construir condições de igualdade que, ao invés, não são dadas “naturalmente” (Vattimo, 2003: 9).

Rossano Pecoraro
PUC-Rio/UCAM

Notas

1. Entre os livros de Vattimo assinalamos os fundamentais: *Poesia e ontologia*. Milão: Mursia, 1967; “Dialettica, differenza, pensiero debole”. In: *Il pensiero debole*. Milão: Feltrinelli, 1983; *Il soggetto e la maschera. Nietzsche e il problema della liberazione*. Milão: Bompiani, 1974; *Etica dell’interpretazione*. Turim: Rosenberg & Sellier, 1989; *Le avventure della differenza* (1980), tr. port., *As aventuras da diferença. O que significa pensar depois de Nietzsche e Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1988; *La sinistra nell’era del karaoke* (Diálogo entre Bobbio, Bosetti e Vattimo). Milão: Donzelli Editore, 1994; *La fine della modernità. Nichilismo e ermeneutica nella cultura postmoderna* (1985), trad. port., *O fim da modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1996; *Credere di credere* (1996), trad. port. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio D’Água, 1998; *Oltre l’interpretazione. Il significato dell’ermeneutica per la filosofia* (1994), trad. port., *Para além da interpretação. O significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999; *Dialogo con Nietzsche 1961-2000*. Milão: Garzanti, 2001. *Dopo la cristianità* (2002), trad. port., *Depois da cristandade, por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004; *Nichilismo e emancipazione*. Milão: Garzanti, 2003; *La vita dell’altro*. Cosenza: Marco, 2006.
2. A hermenêutica degenerada em *koiné*: idioma comum, clima difuso, sensibilidade geral, pressuposto genérico, indeterminado, que não suporta definições mais precisas.
3. Trata-se de *Weakening Philosophy. Essays in Honor of Gianni Vattimo*, organizado por Santiago Zabala, com escritos de: Richard Rorty, Umberto Eco, Charles Taylor, Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy, Teresa Oñate, Fernando Savater, Nancy Frankenberry, Rüdiger Bubner, Jack Miles, Carmelo Dotolo, Wolfgang Welsch, Jean Grondin, James Risser, Pier Aldo Rovatti, Manfred Frank, Reiner Schürmann, Paolo Flores d’Arcais, Hugh J. Silverman, Jeffrey Perl, Giacomo Marramao, Santiago Zabala, Gianni Vattimo. McGill-Queen’s Milão: University Press/Garzanti.
4. A referência, obviamente, é ao *Crepúsculo dos ídolos* de Friedrich Nietzsche.

Referências bibliográficas

VATTIMO, Gianni. Dialectica, diferença, pensamento debole. In: *Il pensiero debole* (organizado com Pier Aldo Rovatti). Milão: Feltrinelli, 1983.

_____. *O fim da modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martin Fontes, 1996.

_____. *Para além da interpretação. O significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. Ermeneutica e democrazia (1994). In: *Nichilismo e emancipazione*. Milão: Garzanti, 2003.

_____. Sinistra di progetto (1999). In: *Nichilismo e emancipazione*. Milão: Garzanti, 2003.

_____. Globalizzazione e attualità del socialismo (2002). In: *Nichilismo e emancipazione*. Milão: Garzanti, 2003.